

Bolsonaristas adotam discursos menos radical



Futuro eleitoral. Bolsonaro e Tarcísio de Freitas participam de solenidade na Academia da Polícia Militar de SP...

RECALCULANDO ROTA Aliados acenam com desradicalização e miram espólio de Bolsonaro, julgado pelo TSE

RENANADO MELLO

Em meio ao julgamento no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que pode resultar na inelegibilidade de Jair Bolsonaro...

"Bolsonaro fica muito para a direita. Tarcísio tem capacidade maior de dialogar e tem um aprendizado político como governador de SP"

José Rocha, deputado federal (União-BA)

"A eleição de Lula em 2003 foi uma construção de décadas da esquerda, enquanto a direita não tinha uma base consolidada quando venceu em 2018. Estamos justamente tentando consolidar essas bases"

Rodrigo Lorenzoni, deputado estadual (PL-RS)

Um dos focos dessa estratégia é o apoio para que o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), se projete como sucessor de Bolsonaro caso o ex-presidente seja vetado pelo TSE nas eleições de 2026.

IDENTIDADE PRÓPRIA

Uma dessas legendas é o União Brasil, que tem indicações em ministérios na gestão petista, mas se declara independente na Câmara e é o principal adversário do partido de Lula na Bahia.

No PL, integrantes da sigla defendem a liderança de Bolsonaro enquanto ponderam que o partido precisa desenvolver identidade própria. Em vídeo divulgado

ADAPTAÇÃO BOLSONARISTA

Aliados lançam estratégias para sobreviver politicamente mantendo distância segura do ex-presidente



Busca por candidato moderado

Possível inelegibilidade de Bolsonaro acelerou movimentações para que o herdeiro político do ex-presidente seja um nome que combine o apoio do bolsonarismo à capacidade de dialogar com eleitores mais ao centro.



Organização partidária

Em lugar de iniciativas consideradas espontâneas ou individuais, mais similares à trajetória política do próprio Bolsonaro, aliados próximos pregam a importância de consolidar o PL como partido "orgânico" da direita — e compararam a estratégia ao método usado pelo PT à esquerda, para chegar à Presidência em 2003.



Pautas econômicas e conservadoras

Sem Bolsonaro nas urnas, correligionários tendem a trocar rotina de ataques ao Judiciário e às eleições, além de eventos como motociatas, por um discurso amparado em ações de governo, com enfoque na agenda econômica. Outro foco é a defesa de pautas conservadoras, não radicais.



Foco na oposição ao PT

Mais do que alinhamento a Bolsonaro, formato das críticas à gestão petista na Presidência da República é visto como elemento-chave para pavimentar um candidato de oposição a Lula.

estruturar o partido. — A eleição de Lula em 2003 foi uma construção de décadas da esquerda, enquanto a direita não tinha uma base consolidada quando venceu em 2018. Estamos justamente tentando consolidar essas bases. A eleição de 2022 mostrou que candidatos sem estrutura têm maior dificuldade. Para 2026, a comparação de uma pauta econômica liberal com a plataforma da esquerda, e os efeitos que isso causa para o país, será um tema central — afirmou. O cientista político Emerson Cervi, professor da UFPA, avalia que o bolsonarismo é um movimento heterogêneo formado por "forças sociais de interesses difusos" que se agruparam politicamente sob a liderança do ex-presidente. A eventual saída de Bolsonaro da arena eleitoral, para Cervi, "pode fazer com que essas forças não mais se reconheçam" entre si. O pesquisador também observa que o PL se converteu, com Bolsonaro, em um partido de "direita radical" que segue sob comando de Valdemar, um "exponente da direita fisiológica". — A direita radical consegue se manter em contato com suas bases sem depender tanto dos caciques, que tendem a ser mais pragmáticos. A organização do bloco bolsonarista passará pela capacidade de manter laços com a origem social desse movimento. É importante ressaltar que não foi exatamente a postura radical de Bolsonaro que o fez perder a eleição, e sim a incapacidade de atingir as expectativas do eleitor com o desempenho do governo. Entre os evangélicos, um dos segmentos com maior volume de apoio ao ex-presidente, segundo pesquisas eleitorais, lideranças têm modulado o discurso para se repositornar como oposição ao PT. Na quinta-feira, o deputado Marco Feliciano (PL-SP), um dos principais aliados do ex-presidente, disse não "concordar com tudo o que ele fez" e frisou que a ascensão da direita não surgiu por causa de Bolsonaro, mas sim que ele foi um "representante" de um movimento de oposição iniciado no governo Dilma Rousseff (PT).

BANCA EVANGÉLICA O sociólogo Humberto Ramos, doutor pela Ufscar, afirma que lideranças evangélicas se aproximaram de Bolsonaro apostando em uma plataforma conservadora, mas não necessariamente radical, que já vinha ganhando musculatura com a atuação da bancada evangélica. Coordenador no Brasil da Otros Cruces, organização que estuda interseções entre religião e política, Ramos aponta que a possível inelegibilidade terá desdobramentos na afinidade evangélica com o ex-presidente. — A bancada evangélica tem senso de oportunidade e uma leitura muito sagaz do contexto político. Por outro lado, a inelegibilidade poderia alimentar um discurso de perseguição que dialoga com esse segmento, cujo setor hegemônico e conservador já viu com bons olhos a capacidade de Bolsonaro mimetizar valores cristãos — ponderou.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política Pagina: 4